

Afinal de contas o que é Filatelia e onde ela se pratica?

Denis Forte*

Recentemente um vídeo da Internet suscitou um interessante debate sobre o uso da denominação “filatelista” e que já gerou opiniões em alguns círculos de colecionadores. O objetivo desse artigo é contribuir de forma técnica a essa discussão, sem se apresentar como dono da verdade ou exaustivo no tema.

Um pouco da história da filatelia. Um dos livros que vou utilizar para a discussão é considerado por muitos uma bíblia da filatelia. O livro “Fundamentals of Philately” de L.N.Williams e Publicado pela prestigiosa American Philatelic Society, de 1954 que teve direito autoral renovado em 1955,56,57,58,59,60,61,62,63 e cuja primeira tiragem em 1971 e cuja edição de 1990 me baseio agora.

O selo inicia sua jornada com o Penny Black em 1840. Aos poucos, vários países adotam o sistema. Inicialmente o colecionismo de selos era simplesmente a fixação sequencial da parte do desenho do selo em algum álbum. Em 1863 edita um catálogo e indica que a condição do selo, novo ou usado determina seu valor. Possivelmente essa prática salvou uma imensa parte de selos atuais não terem virado recortes, como alguns Olhos de Boi que só sobraram o miolo.

O passar do tempo foi alterando o modo de dispor os selos e estudá-los. Surgiram catálogos, dando-lhes não só uma ordem cronológica, mas detalhes, como tipos, cores, carimbos etc. Após um tempo, provas e ensaios foram incluídos. Dessa forma, elementos que não circularam nos correios, mas foram úteis à fabricação dos selos foram incorporados. Dependendo dos segmentos de escolha dos colecionadores, há uma infinidade de conhecimentos que sustentam as diferenças no processo de fabricação. Para citar alguns dos elementos, filigranas, denteação, espessura e tipos de papéis, por exemplo. Não são só elementos gráficos portanto.

Assim, de acordo com o “Fundamentals of Philately”, o termo filatelia evoluiu para “a classe de interesse em cada faceta da produção, tiragem e uso do selo”.

Trata-se assim de uma definição ampla.

Gostaria de seguir uma lógica do colecionismo. O iniciante é um acumulador, um interessado. Pode apenas ler a respeito, pode acumular vários selos. Se tiver 10.000 selos assim, não o tornará mais proficiente no conhecimento. Quando há sistematização, ou seja, a partir de um catálogo ou alguma forma metódica de organização, o individuo passa a ser um colecionador. Cronologia e tema, por exemplo. O fato de separar selos com variedades apenas aumenta seu escopo de coleção.

E agora é o cerne da discussão. Quando o colecionador é filatelista. A filatelia não tem preconceito. Origem humilde ou não qualquer um pode ser filatelista. O processo por trás do ato de colecionar é que muda essa denominação.

Alguém por exemplo que tenha um site que acumula textos de outros é um provedor de informações valioso, mas não necessariamente um filatelista. Um jornalista que fala de economia não é um economista. Ele presta um serviço de extrema utilidade para a sociedade que se interessa, mas não o qualifica para a atividade fim. Ele é um comunicador do conhecimento, o reproduz. Da mesma forma, blogueiros, influenciadores, narradores. São pessoas importantes na comunicação e difusão do conhecimento. Mas não o geram. Um tutor

com uma apostila não é um professor. Passará a sê-lo quando tiver domínio do conhecimento do tema.

Veja que um filatelista não é necessariamente um especialista. A diferença é que se especializa em algum tópico, tema ou processo. Um médico estudou o diagnóstico de doenças. Um pediatra se especializou nas doenças de infantes. Um fisiatra se especializou na constituição muscular dos indivíduos. Há interação e sobreposição de conhecimentos, mas há especializações.

Assim, o filatelista pode ser definido como um indivíduo com interesse em elementos do selo, no seu processo de fabricação, matéria prima, forma de produção, uso, etc. Ele não se restringe apenas no elemento tangível selo na sua frente.

Esclarecido quem é o filatelista, surgiu mais uma controvérsia. Existe um lugar apropriado para exercer a filatelia?

A filatelia pode ser praticada individualmente. Era vista como uma atividade solitária, um Hobby aut centrado. Sim, um indivíduo pode ser uma unidade autônoma que coleciona, ordena e estuda seus selos individualmente. No passado recente as associações, clubes e sociedades se organizavam como um lugar físico para o relacionamento social de pessoas com esse interesse. Promovem ainda esse tipo de encontro com atividades de troca, de disseminação de conhecimento e de confraternização. Esse movimento se estendeu hoje pela internet, com grupos de Whatsapps e associações virtuais. Há de se notar porém que ajuntar pessoas não gera conhecimento, mas auxilia a disseminação do mesmo. Um clube de leitura tem uma importante função social, cultural e de relacionamento, mas não gera necessariamente conhecimento. Conhecimento sendo muito difícil de se distinguir de informação. Ao ler o Wikipedia sobre uma doença não me torno conhecedor de medicina, mas sim do diagnóstico daquela doença. No limite, alguém com um bom processo de armazenamento de conhecimento seria um excelente acumulador de indicadores, mas não o tornaria um médico. Para isso existe uma academia, que regula o conhecimento. No caso, Faculdades com curriculuns, didática e método de armazenamento.

Algumas associações realmente buscam desenvolver aspectos de conhecimento que permanecem em seu tempo. Mas dada sua característica local e regional, muitas vezes morreria lá. Uma associação difere de um grupo de whatsapp de mesmo interesse. Com muitas pessoas é um grupo que precisa de regras de coexistência para se manter, governança para impedir procedimentos incorretos e conselheiros para controlar e gerenciar o conhecimento. O papel das federações portanto surge nesse ponto. Uma federação nacional tem por objetivo salvaguardar a base cultural estabelecida nesse campo. Ela deve dispor de pessoas que passaram por diversos estágios de formação para poder ser pareceristas, juízes e incentivadores de novos conhecimentos. Para isso existe estrutura formal, que mantém uma ordem de como o conhecimento se transmite e se guarda, qual a hierarquia dos conhecimentos. Decorar as variedades de um catálogo faz de uma pessoa boa conhecedora do assunto. Mas entender o processo de identificação de variedades, distinguindo de curiosidades, entendo sua origem e a classificando permite uma sistematização de conhecimento. Ao saber que se alguém tosse, tem febre e dificuldade de respirar pode ter Covid, não quer dizer que a pessoa é médica e que o indivíduo tem mesmo. Outro dia houve um debate filatélico sobre um risco num selo. Apresentei a seguir a prova do selo da ABN com o risco e o selo, nas versões percê e denteada. Já tínhamos eliminado a versão de risco involuntário. E a questão passou a ser se houve ou não quebra de chapa. Um defeito muito mais relevante. Com base em conhecimento e fatos, estabeleceram-se hipóteses e gerou-se conhecimento.

Assim, as Federações têm seu papel na organização dos agrupamentos de conhecimento gerado. Não as de juntar as pessoas, papel das associações. Mas de armazenar, organizar e divulgar o novo conhecimento, sendo uma salvaguarda histórica inclusive. A promoção de exposições não é exclusividade das Federações ou associações. Aqui faço um paralelo com o mundo acadêmico. Existem fóruns para cada nível e objetivo. Fóruns técnicos para resolver problemas técnicos. E fóruns acadêmicos, de graduação, de pós e seminários internacionais. Todos têm suas motivações e razões de ser. Não existem os de nível internacional, se um dia não começarem os de base. Mas as primeiras vezes que apresentei um seminário, como aluno de graduação não se comparam com minhas apresentações atuais de pós doutoramento. Sou o mesmo indivíduo, mas meu conhecimento avançou demais em forma e em conteúdo. Isso não quer dizer que só exponho nos fóruns internacionais. É minha função incentivar os iniciantes e também expor nesse nível um certo conhecimento. Mas não posso fazê-lo na mesma profundidade e linguagem, pois desanimaria quase todos.

Cabe às federações nacionais, continentais e mundial, na figura da FIP, manter e coordenar portanto esse rol cultural que é a Filatelia Mundial, um patrimônio da humanidade. Cabe a elas gerar o mais alto nível de exigência para permitir as maiores contribuições. E estão trabalhando atualmente para retribuir com esse conhecimento nos níveis regionais e nacionais.

Um último ponto. O conhecimento não é elitista. Eu também gostaria de ter o Magenta ou a coleção de Vossa Majestade a Rainha da Inglaterra, de 4 gerações. Um professor, filho de imigrantes que vieram sem nada. Mas escrevi um livro que pesquiso há mais de 20 anos, no qual não precisaria ter os selos. E que chega na sua nova roupagem ao topo do colecionismo mundial, a London 2022. Incentivo aos que têm orçamento baixo a segmentar a sua coleção num tema ou numa parte que podem ter profundidade e inovação. E agradeço aos afortunados que existem aí, pois preservam o melhor das coleções geradas pela humanidade. Coisa que muito Museu não consegue fazer.

Espero ter contribuído assim com uma visão apolítica e técnica para uma atividade que tanto prezo. Aos que discordam, seu direito, por favor o façam tecnicamente e não pessoalmente, como sempre procuro fazer. Aos que concordam, auxiliem a difundir essa linha de interpretação.

E viva ao selo!

*Denis Forte é pós doutor em Administração Estratégica pela Strathclyde Business University da Escócia, professor do Doutorado da Universidade Presbiteriana Mackenzie, acumulador desde 1982 e filatelista aficionado.